

## V. PESOS DE BARRO.

Aparecem tambem muitos pelos arredores das povoações, certamente em moradeias ou proximo. Obtive tres quasi inteiros e o fragmento de outro. Nas figs. 25 e 26 temos dois, respectivamente de 0<sup>m</sup>,108 e 0<sup>m</sup>,009 de altura, de fórma de tronco de piramide de base quadrangular (um d'elles conserva o orificio, o outro não). Na fig. 27 temos um pêso de 0<sup>m</sup>,105 de altura, partido em dois, com o tópo de fórma sub-quadrangular, arredondado e estreito para a base; conserva o orificio. Na fig. 28 representa-se a metade de um pêso, de 0<sup>m</sup>,047 de altura, em que se vêem ainda vestigios (sulco) do orificio primitivo. Todos estes pesos vieram para o Museu.

J. L. DE V.

## Memória sôbre o concelho do Sabugal

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xv, 86)

Pouco depois de publicado o nosso último artigo referente ao castelo do Sabugal<sup>1</sup>, edificado na antiga vila, tivemos a desagradável noticia de que desabara um lanço de muralha e de que fôra demolida a antiqúissima igreja de Santa Maria do Castelo.

A noticia do desabamento do lanço da muralha vimo-la no *Diário de Notícias* de 1 de Julho de 1912, nestes termos lacónicos, mas expressivos: «Castelo do Sabugal. Ameaça ruína este precioso monumento.

Sabugal, 1.—No inverno passado desabou um lanço da muralha que circunda o castelo desta vila, sendo para recear que num futuro mais ou menos próximo aquele sumptuoso monumento venha a sofrer qualquer prejuízo se não se adoptarem as providências convenientes. Chamamos a atenção do illustrado Conselho dos Monumentos Nacionais para este importante assunto».

A pouco e pouco há-de ir desabando o resto, apesar do forte, vetusto e venerando castelo, que pelo insigne poeta do *D. Jaime* foi delicadamente cantado, estar classificado como monumento nacional.

Desabou já o lindo e curioso portal que dava acesso à cidadela e sôbre cuja padieira se destacavam as armas do tempo da restauração.

Embora a igreja não representasse um espécime notável de arquitectura mediévia, era digna de ser conservada pela sua antiguidade

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, xiv, p. 303.

ali, em frente da tórre de menagem, resistindo como esta às maiores intempéries. Já em 1321 figurava na história da vila, pois fôra taxada em 10 libras, sendo a de S. Tiago em 18, a de Santa Maria Madalena com a capela (talvez a de S. Domingos) em 30 e a de S. Pedro em 20 e a de S. João em 15<sup>4</sup>. Em épocas sucessivas desapareceram as antigas igrejas matrizes da Madalena, de S. Pedro e de S. Tiago, demolidas por quem tinha obrigação de as conservar. O mais que ainda existe está condenado a desaparecer também, se sérias providências não fôrem adoptadas. Aqui fica exarado o brado da nossa indignação contra o vandalismo duns e a criminosa incúria doutros.

O pelourinho, que existia perto do edificio do tribunal, em frente do arco da vila, também há muitos anos fôra apeado, sendo de louvar a iniciativa do malogrado magistrado e artista Dr. Vale e Sousa, que à custa de trabalho e investigações a que procedeu conseguiu reconstituí-lo numa esplêndida aguarela em 1907, como lemos no *Diário de Notícias* de 23 de Julho dêsse ano. O desenho vem publicado na *História de Portugal* de Pinheiro Chagas (edição ilustrada).

Depois dêste protesto contra o vandalismo e incúria que originaram a destruição ou ruína de obras respeitáveis e monumentais, deixemos a antiga vila com a notável cidadela e passemos ao resto da povoação da vila extramuros.

O povo chama «vila» sómente à parte antiga, sendo certo que ambas são antiquíssimas, como pode fácilmente convencer-se quem examinar alguns edificios. O ter existido uma frêguesia com o nome de Santa Maria Madalena, cujo templo foi demolido há longos anos e séculos, sendo provávelmente aproveitados os materiais para a construção da igreja da Misericórdia, seria já poderoso argumento para demonstrar que extramuros existe uma povoação desde tempos imemoriais.

E que ao sitio onde existia a igreja demolida chegava a povoação e que esta tinha certa importância, depreende-se do facto de para ali convergirem dois caminhos, um deles profundo, especialmente no sitio de S. Domingos, onde existe uma profunda trincheira, que não só revela antiguidade, mas a preferência que o povo tinha em ir naquela direcção (da Madalena).

Objectar-se-ia que ia por ali o povo para passar o Coa, ao fundo da quelha da atafona, mas a isso responderemos que com mais facilidade o passaria na ponte.

---

<sup>4</sup> *Diocese e Distrito da Guarda*, pelo Dr. José Osório da Gama e Castro.

Dir-se há também que existe outro caminho fundo dos lados de Malcata e que por isso a existência do outro atesta a antiguidade da freguesia da Madalena. Ora tanto um como o outro provam a antiguidade das duas povoações, cuja existência a tradição oral e escrita confirmaram há muito.

A própria igreja da Misericórdia, que é muito antiga e onde, como dissemos, foi aproveitado o material da demolida e talvez há muito tempo em ruínas, confirma a longa antiguidade da primeira.

Certo é que não temos dados demonstrativos da época da demolição de uma e edificação da outra.

Nos muros que contornam a propriedade onde a igreja existia abundam ainda pedras que revelam terem feito parte dum edificio, especialmente aquelas onde está insculpida a cruz de Malta, se não é dos templários. No Sabugal e num quintal contíguo ao longo da fonte existe uma pia de pedra, grés, ou granito fino, que dizem ter vindo da Madalena, e que evidentemente foi sepultura, tendo a configuração das que se encontram nos rochedos de tortilha, Aldeia de Santo António, Ruivós.

Perto do local onde estava a igreja da Madalena existe, como noutra parte referimos, uma elevação de terreno, que indica ter ali existido algum reduto, castro ou obra de tempos remotos. Uma exploração no local está naturalmente indicada.

A pequena distância do sítio da Madalena existiam ainda há poucos anos ruínas da capela ou ermida de S. Domingos.

Ali vimos a inscrição seguinte:

REEDIFICADA EM 1640 Á CUSTA DA VILLA.

Não sabemos se tais ruínas ainda existem.

#### Igreja da Misericórdia

Quási na extremidade nordeste da vila existe a igreja da Misericórdia, templo característico, de pórtico românico, com modificações semelhantes aos da Misericórdia de Alfaiates.

Esta igreja foi restaurada em 1678, como se vê duma inscrição aberta na ridícula porta duma varanda, aberta então para iluminar o côro.

Vimos ali esculturas do Senhor dos Passos e outras, sendo apenas digna de menção a de Santa Isabel.

Do lado exterior da parede do norte vê-se ali embutida uma pedra com aparência de lápide tumular, tendo nas cabeceiras uma

cruz de Malta em relêvo, dentro dum círculo aberto na pedra, sendo uma muito maior que a outra. Entre os dois círculos onde existem essas cruzes, e longitudinalmente, existe um sulco, que parece indicar a medida da antiga nave. Outros sulcos formam um quadrilátero onde há quatro pequenãs esferas indicadas por sulcos e uns simples ornatos. Ao lado da cruz maior vê-se um sulco em ziguezague e mais dois direitos, que indicam medidas antigas. A pedra é semelhante a uma que existe embutida na porta ocidental da tortilha. Na lápide existem caracteres insculpidos, cujo calco se me extraviou.

Pelo exposto parece-me que se não trata de lápide tumular.

O púlpito é semelhante ao de Águas Belas e Lomba dos Palheiros, assente sôbre uma coluna de singelo capitel, de granito como os papeitos.

O capitel, coluna e modilhões da igreja foram provávelmente trazidos do sítio da Madeira.

A antiga irmandade da Misericórdia ocorria às despesas do culto, conservação da igreja e dum pequeno albergue, cujo edificio era, não diremos modesto, mas miserável, como as pessoas que ali se acolhiam.

As verbas de 30:000 réis e 10:000 réis figuravam nos orçamentos para despesas do albergue e esmolas!

O rendimento proveniente de foros, capitais mutuados, inscrições e anuais, era de 421\$700 réis, sendo despendidos 211\$070 réis em actos de beneficência.

Vê-se que era das irmandades mais nobres do distrito, cujo rendimento era de 12:126\$830 réis e a despesa de 7:594\$140<sup>1</sup>.

#### Igreja de S. João

É a matriz da única freguesia da vila, templo modesto, de singela architectura, uma só nave, como a de Santa Maria e Misericórdia. Os altares são simples, as imagens tôscas e algumas, como a do Espírito Santo, ridiculas e indignas dum templo. Devemos exceptuar as esculturas da Senhora das Dores e a de S. João, orago da freguesia, que são muito regulares.

Ao lado direito e contígua à igreja segue-se uma torre de quatro sineiras ou ventanas, no alto da qual as cegonhas costumam fazer ninho. São dignos de menção o pάλio e paramentos de sêda da Índia, bordados a ouro e oferecidos pelo falecido Manuel Gonçalves da Silva, mais conhecido pelo «Lameiras» assim como a imagem de S. João, em

<sup>1</sup> Vid. *Diocese e Distrito da Guarda*.

cumprimento dum voto, que fizera no alto mar, quando ao regressar da Índia o navio foi assaltado por medonha tempestade, que lhe devorou toda a fortuna, que à custa de tanto trabalho alcançara.

Perdeu tudo, mas salvou a vida; e voltando à Índia, onde estava muito acreditado, em poucos anos adquiriu nova fortuna com trabalho e proceder honesto. Na volta da Índia veio à sua terra natal, entregando à igreja tam valioso donativo. Êste sabugalense é um grande exemplo de honradez e trabalho. Era filho de José Pinharranda e de Maria Lameiras. Saiu do Sabugal em companhia dum juiz de direito que dali fôra para Arganil; depois partiu para Macau, onde se dedicou à vida comercial. Tanto de Arganil como de Macau sempre enviou à mãe dinheiro e vários gêneros de que ela carecia, começando pela modesta quantia de 1\$200 réis.

No Sabugal foi recebido festivamente.

Era filho dêle o infeliz Dr. Manuel José da Silva, que em 1898 foi cobarde e bárbaramente assassinado em sua casa em Lisboa pelo Mestre Lôbo, cujo crime tanto impressionou a população da capital, já pela qualidade da vítima, já pelas circunstâncias em que foi praticado. O criminoso, a quem foi aplicada a maior pena da escala penal, faleceu quási um ano depois na Penitenciária de Lisboa.

Dum livro existente no arquivo da Câmara, de que adiante nos ocuparemos, e que servia para «nele se lavrarem os termos de juramento aos juizes e officiaes mecanicos da villa, copia a fls. 1: Termo de juramento dado a juiza do officio de padeira desta uilla e seu termo Maria Gonçalves Lameiras», dado pelo juiz de fora Dr. António Manuel da Fonseca Abreu Castelo Branco, sendo escrivão António Eusébio Pereira. Na data está tam pouco legível o penúltimo algarismo que não sabemos se o têrmo foi lavrado em 1826, se antes ou depois, sendo provável que não fôsse antes mas sim muito depois, visto que fôra prestado o juramento perante o último juiz de fora que houve no Sabugal.

Esta Maria Gonçalves Lameiras, juiza das padeiras da vila e têrmo, era a mãe do illustre e bememérito sabugalense de quem vimos falando, o qual faleceu em Lisboa, onde residia. Termina-se-lhes esta noticia relativa à abadia de S. João, dizendo que era das mais rendosas do concelho, tendo 200\$000 réis de cõgrua e 117\$000 réis do passal ou rendimento de bens próprios da igreja, além do pé do altar.

O passal compunha-se dos seguintes bens: coito da Paan; lameiro e tapada do Judeu; chão e tapada dos Amiais; fôro e chão à Ribeira, limite de Santo António; chão e lameiro do Avelar, em vila Boa; chão das Cotermas, na Torre; chão às Travessas; chão de S. Domingos e um pa-

lheiro, no Sabugal; foros de prédios no Souto; uma tapada na Rumeira; terras do Rodeio em Rendo e terras nas Quintas de S. Bartolomeu.

O pé do altar consistia no seguinte:

Casamentos 500 réis; baptizados 500 réis; enterramentos 240 réis; acompanhamentos 1\$700 réis; bens de alma desde 2\$500 a 33\$000 réis, conforme as fortunas; responsos 20 réis; ofertório 2\$700 réis; certidões e atestados 240 réis.

O pároco era apresentado antigamente pelo Bispo da Guarda, assim como o da extinta abadia de Santa Maria do Castelo, os quais, bem como os párocos de Rendo, Quadrazais, faziam parte do cabido de Pinhel, cujo bispado foi extinto há muitos anos, sendo o último vi-gário geral o actual Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo.

Outrora o Sabugal era sede do arciprestado, taxado em dez libras.

Unida à igreja de S. João havia uma capelania perpétua taxada em 23\$220 réis.

Extramuros há na vila um bairro moderno denominado de S. Sebastião, edificado quási todo depois da construção da estrada que liga o Sabugal a Rendo e Vila Boa. Neste bairro existia já a ermida de S. Domingos de que já falámos, e a de S. Sebastião, que dá o nome ao bairro.

Tinha na fonte um bom alpendre, de que apenas restavam as fortes colunas de granito quando saímos do Sabugal. A ermida está num plano superior à estrada, havendo ali um muro de suporte e duas escadarias que dão acesso ao Largo de S. Sebastião. A ermida, apesar de muito arruinada, ainda estava aberta ao culto. Há pouco tempo, celebrando-se ali uma festa no dia do patrono, ouviu-se então na véspera o pequeno sino, especialmente durante a procissão.

(Continua).

JOAQUIM MANUEL CORREIA.

### Colecção Arqueológica

Anuindo aos louváveis desejos do meu erudito mestre e dedicado amigo D.<sup>or</sup> Leite de Vasconcellos, resolvi-me a escrever êste modesto e desprezioso artigo a fim de ser publicado n-*O Archeologo Português*.

Desde criança, há proximo de 30 anos, que me tenho esforçado por convencer em artigos de revistas e jornais a Câmara Municipal do concelho de Moncorvo a fundar um museu regional, onde recolhessemos as nossas muitas e venerandas preciosidades arqueológicas.